



Inauguração da exposição intitulada “Um certo não sei quê”, Escultura e pintura na coleção de Rui Vitorino, no Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso – MACNA do Centro de Arte Contemporânea de Chaves, de Abril 2022 a Março 2023, curadoria de Óscar Faria.

VÍTOR POMAR

Nesta singular entrevista, é o artista que (nos) conduz. E fá-lo na liberdade do seu olhar e singularidade do seu pensamento. Sigamo-lo, pois. A palavra é dele.

Texto de **ELSA REGADAS**



figura de destaque no contexto artístico português, Vítor Pomar (1949) desenvolveu um processo criativo e uma abordagem à arte muito próprios, que combina experimentalismo com espiritualidade e cruza a abordagem pictórica com outras técnicas artísticas, a que recorre com frequência, como a fotogra-

fia, a escultura, o desenho e o vídeo. A sua obra tem sido exposta em inúmeros espaços de arte e tem sido objeto de estudos e publicações, estando representada em prestigeadas coleções públicas e privadas, como a Fundação Calouste Gulbenkian, o Museu de Serralves do Porto, o Ministério da Cultura, o Ministério das Finanças, o Museu EDP Electricidade, a Caixa Geral de Depósitos, a Ar.Co, Lisboa, entre outras.

Nesta singular entrevista, é o artista que (nos) conduz. E fá-lo na liberdade do seu olhar e singularidade do seu pensamento. A nós (e ao leitor) resta-nos o prazer de acompanhar os meandros da sua reflexão que, tal como a sua obra artística, conceptualiza a nossa relação com o tempo, o lugar e o ser, enfim, com o absoluto da existência humana. Sigamo-lo, pois. A palavra é dele.

PRÓLOGO

1. Pertenço a uma geração (e grupo sociocultural) que se define pelo horror à rotina do quotidiano, e para quem o desejo é o motor da vida, sendo a transgressão, o motor do desejo. Hoje, estes valores são reconhecidamente inoperantes, sem que quaisquer outros os tenham vindo destronar.

2. Continuamos a viver num país maioritariamente constituído por “católicos não praticantes”, iludido por uma insuspeita epopeia marítima assente no duplo terror da cruz e da espada, capaz de dominar e explorar as populações autóctones, como ainda de amordçar os próprios lusíadas.

3. No mundo pré-apocalíptico e vertiginoso em que hoje vivemos, há uma tecnologia desenfreada e acéfala que tende a exercer um sufocante controle sobre tudo e todos, fazendo com que os mitos do estado de direito e da democracia se tenham tornado despidos de qualquer valor.

4. Diante de um tal panorama, só uma investigação fundamental em profunda articulação com uma lúcida razão (cuja validade tem sido até agora rejeitada pela cultura ocidental), poderá oferecer alguma referência capaz de

nos levar ao bom porto numa sobrevivência minimamente saudável.

5. São estas as armas que nos poderão servir, não para lutar contra quaisquer fantasmas, terrores ou poderes instituídos, e muito menos para alimentar as atuais paranoias securitárias, situem-se elas ao nível pessoal e psicológico ou mesmo ao nível militar e de Estado, mas sim para encontrar um território cuja dimensão escapa à turbulência da História.

6. Tendo chegado a uma idade que nunca sonhei atingir (até porque o espírito não é coisa que envelheça) cabe-me a obrigação de contribuir com este quadro de referência, atabalhoada e abusivamente reunido, qual cábula para o exame implacável da existência, na esperança de que possa servir para pacificar a inquietação generalizada, tanto pessoal como coletiva.

7. Vivemos paredes meias com a felicidade e a alegria que obsessivamente buscamos em terras distantes e nos etéreos céus.

«Em lugar de pretender mais uma vez inventar a roda, podemos escutar aqueles que souberam encontrar-se, reconhecer-se como espaço luminoso e dinâmico»

Quais serão, pois, as ferramentas ou veículos que nos levarão àquilo que somos e que nunca perderemos?

8. É esta a aposta que aqui se joga.

9. Em lugar de pretender mais uma vez inventar a roda, podemos escutar aqueles que souberam encontrar-se, reconhecer-se como espaço luminoso e dinâmico e que generosamente vieram indicar-nos a via de acesso a uma realização tão última quanto atual e próxima. *VP Amsterdão 26 Outubro 2017*

1. DA BELEZA

“Longe de pertencerem ao objeto, as características da beleza relativa estão intimamente ligadas ao observador. (...) Um matemático maravilha-se com a beleza de uma equação bem concebida e um engenheiro com a beleza de uma máquina.

Aquele que deseja a calma escuta delicia-do um prelúdio de Bach.

O eremita que contempla a transparência última do espírito não experimenta uma tal necessidade; a sua harmonia com a natureza do espírito e dos fenômenos situa-se num outro plano; para

ele, todas as formas são compreendidas como a manifestação da pureza primordial, todos os sons como o eco da vacuidade e todos os pensamentos como o jogo do conhecimento.

Não faz distinção entre o harmonioso e o discordante, o belo e o feio.

A beleza tornou-se omnipresente e a plenitude imutável.

Alguém diz:

“Em vão procuraríamos pedras da rua numa ilha de ouro.”

Matthieu Ricard in “O Infinito na Palma da Mão”, (pág. 320, Editorial Notícias)

2. JP, 1945-55: UMA IMENSA DÉCADA

Isto de os filhos nascerem ainda durante a juventude dos pais e depois crescerem com essa presença, tao presente quanto ausente, como é o caso com o Júlio, torna-se num desafio que haverá que assumir.

Uma tal empresa terá de começar pelo momento primeiro daquela longa carreira.

Nesse período, com a duração de cerca de uma década, desde os meados dos anos '40 e que se prolongou pela década de '50, somos confrontados com um panorama socio-cultural difícil de imaginar, neste final do primeiro ¼ do século XXI.

Limitemo-nos, pois, à enumeração de alguns dos acontecimentos que tiveram lugar naquele início do percurso do Júlio, com uma intensidade e sinergia irrepetíveis:

- A saída de Lisboa e a chegada ao Porto; o ativismo político e cultural; o companheirismo de F. Lanhas e Vitor Palla; a prisão e proximidade com M. Soares; o atribulado fresco do Batalha; a afirmação do neorrealismo e subsequente afastamento; a descoberta da sexualidade, da família e da paternidade; o fim do primeiro período da vida conjugal.

No final daquela imensa década (iniciática?) haverá que reconstituir o puzzle de uma vida que nunca deixou de se procurar e reinventar, por cerca de mais 6 longas décadas em que tem lugar uma prolífica 'deriva temática'.

O que permanece inalterável é a procura do "momento" criativo que parece escapar-nos, tanto quanto surge.

[Inspirado na leitura de 'JP Depois do Novo Realismo', A.P.]

3.

Poucas são as memórias que guardo do Júlio a trabalhar, mas suficientes para detetar algumas diferenças em relação ao meu método de trabalho.



Júlio Pomar. Depois do Novo Realismo.



"Estado de Direito ou Estado de Sítio?" "Rule of Law or State of Siege", VP 2006, 249 x 480 cm



Júlio Pomar
com António
Dacosta

O abandono do uso do cavalete em favor da preferência pela tela estendida no chão, que aconteceu desde as primeiras pinturas a preto e branco (Amesterdão 1977), promove uma dinâmica e um espaço pictural capaz de facilitar a ocorrência de acasos controlados e evita a sempre presente noção de verticalidade (construção) e sucedâneos (direito-esquerdo) assim como dispensa o repetido vaivém diante do cavalete.

Reporto-me a um breve texto em que exprimi a 'dança' à volta da tela desenrolada e preparada diretamente no solo e que descreve todo um programa que ainda hoje me surge válido.

Uma vez completada ou em progresso, a descoberta da verticalidade permite um olhar renovado.

RECEITA PARA FAZER UMA PINTURA A PRETO E BRANCO

A tela está desenrolada e pousada no chão:
não tem alto nem baixo!

Andar à volta dela: tomar o peso à brancura.

A descoberta dum ponto fraco (ou acolhedor?)
dá o sinal de avançar.

Desde que se faça uso de um pincel carregado de tinta (preta), o ataque (ou carícia) ficará marcado, visível.

Imediatamente, a superfície (branca)
partiu-se em bocados que é preciso apanhar.

O silêncio rasga-se:

marcas, cicatrizes, nunca ornamentos.

Se apesar de tudo (ou por carência de?)

algum passatempo insiste em instalar-se:

recomeçar a operação (escolher o branco ou o cinzento).

O espaço retrai-se, aumenta, achata-se, esvazia-se.

Atravessado:

é a travessia que o revela (antes não estava lá).

Se está cheio de interstícios, pode-se atá-lo,
com o risco (o gozo?) de o cortar.

Declarar-se impotente: não ter nada a perder;
tomar exatamente um caminho qualquer

(nenhum outro nos convém);

estar perdido sem sabê-lo;

a espontaneidade não responde;

o recalçamento não se mostra
(chupar o dedo que o aponta).

Baralhar as pistas.

Trocar as voltas ao acaso.

Destruir tudo.

Escutar a luz.

Quando tudo está partido tudo se segura:

insuportável gratificação.

Voltar as costas.

Opressivo, o reverso da sedução?

Vítor Pomar, Março 1977

*Catálogo Exposição Fundação Calouste
Gulbenkian, Lisboa, Julho-Agosto 1980*

4.

Curiosamente, sabemos que a pintura, na sua qualidade bidimensional, é eminentemente MUDA e talvez mesmo se possa avançar: surda-muda...

A qualidade seguinte que lhe devemos emprestar é a da presença imediata, passível de uma leitura instantânea,

qual flecha que, por um lado, irremediavelmente afeta o órgão visual, enquanto por outro nos obriga ao confronto com o momento presente, de facto única realidade tão existente quanto perecível por excelência!

Assim nos encontramos, por definição e desde já, no âmago de uma realidade que tende a escapar-nos.

Não será aí mesmo que se situa o 'milagre' da criatividade? Sem essa 'deriva' (que é o surgir de um objeto anteriormente inexistente), como poderíamos aperceber-nos da nossa própria existência?

O nosso OLHAR encontra-se agora como que em flagrante delito...

Sim, porque antes mesmo de podermos 'chamar nomes às coisas', já o nosso olhar ganhou vida própria ao pousar alhares, despido de CONCEITOS, privação esta que em vez de nos limitar, como que terá sido capaz de nos libertar, naquele mesmo instante, de toda uma avassaladora e ruidosa panóplia conceptual.

Ficámos assim entregues a nós próprios, ou, como se diz, entregues à surpresa de 'CAIR EM SI'.

Estará aí TODO o dilema da pintura, na palma da mão?

Esta reflexão acerca do OLHAR aplica-se a qualquer situação: não é privilégio do artista, mas constantemente acessível desde que estejamos atentos e recetivos à frescura que caracteriza o nosso espírito, ANTES de nos deixarmos



Invocação do 9/11, NY 2001

apanhar pela 'dualidade' que o pensamento discursivo estruturalmente impõe!

Assim se pode designar um modo de 'estar/ser' que implica o desenvolvimento da capacidade de observação e autoconhecimento que só uma prática contemplativa pode viabilizar a todo e qualquer ser humano que se permita este luxo.

Não será este o âmago da criatividade?

5.

A minha chegada à Holanda em Janeiro de 1990, aos 21 anos e voltando as costas ao imbróglia colonial, permitiu uma proximidade cultural com a modernidade. Posteriormente, já à beira de regressar a um Portugal em acelerada renovação, e após cerca de 16 anos de 'exílio', teve lugar o decisivo encontro direto com a prática da meditação através da relação com um mestre japonês do Zen, Hogen Daido Yamahata, recentemente falecido, cuja visita anual pude organizar durante os primeiros cinco anos após o meu regresso.

DO PROCESSO CRIATIVO para todos os (des)GOSTOS
Não existe última palavra: aí, reina o SILÊNCIO do coração (só para quem se permite tal escuta!) ...

É neste ponto que se situa a 'ultrapassagem dos conceitos', em que o pensamento discursivo deve dar lugar a um processo que só pode ser AUTO-INICIÁTICO, não verbal, e que habita o cerne do processo criativo, que o artista irresistivelmente persegue, mesmo se desprovido de ferramentas adequadas....

Dir-se-ia que o desespero é garantido, a entrega deve ser total e a recompensa, por ser irrepetível, de imediato se desvanece, sem deixar rasto nem hipótese de REIFICAÇÃO!
Não se deseja tal coisa nem ao pior inimigo...

Sabemos, no entanto, que o cerne do processo criativo, de facto COISA MENTAL por excelência, está 'sempre debaixo dos nossos pés', donde que cada passo que esforçadamente perseguimos, mais nos afasta do nosso objetivo!

Resta-nos tomar o gosto ao pêssego que só o abandono do CAIR EM SI parece revelar.

6. UMA ADIVINHA PAS COMME LES AUTRES...

qual é coisa qual é ela:

- demasiado próxima para que a reconheçamos?
- demasiado profunda para ser apanhada?
- demasiado simples para ter crédito?
- demasiado maravilhosa para ser compreendida pela inteligência?

O caminho faz-se caminhando:
abrigado por uma visão abrangente,
capaz de unir o caminho e o fruto.

Nem esperança nem medo:
e se o presente incluísse os três tempos?



Vitor Pomar com Alexandre ostentando foto de infância, na Pequena Galeria.

ELE HÁ QUATRO TIPOS DE ARTISTAS

INFANTIL

Aqueles que incansavelmente repetem a exclamação infantil usada para chamar a atenção das mães para as suas habilidades.

Exemplo máximo cabe a Piero Manzoni (1961) com as suas 90 latas de conserva que preservam um conteúdo de sua própria produção intestinal.

LÍBIDO

Surge em seguida o caso do eterno adolescente que usa e abusa da libidínosa pulsão para construir sua obra.

Menos divulgado que o anterior, é o magnífico exemplo que consiste num pedaço de cetim manchado pela íntima excreção do próprio Marcel Duchamp, e intitulado *Paysage fautif* (1946).

La créativité est toujours onaniste:

Une manière de se caresser l'orgueil ...

Sabemos que grande parte da publicidade que constantemente nos assalta, alimenta e explora essa mesma libído até à exaustão, sem que daí surja qualquer esclarecimento para além de um vago amor romântico e precocemente (in) satisfeito.

Trata-se ainda de uma repetição em roda livre de necessidades fisiológicas, qual roda quadrada de garantidos solavancos.

PATETA ALEGRE

Apresento-vos agora o artista por excelência, imbuído da sua qualidade própria e única, talvez mesmo à imagem da

ideia do Universo enquanto criação divina.

Ele, o 'artista', também dito o 'Pateta Alegre', possui e/ou é possuído pelo seu estatuto, que tanto provoca o senso comum como encanta o público, esse seu devoto- quase-súbdito.

GURU

Finalmente, podemos descobrir o sentido último da obra como manifestação ou reflexo da qualidade intrínseca da mente que nos habita, tanto quanto a habitamos, e que aguarda o merecido, libertador e humilde reconhecimento.

EPÍLOGO

Todos e cada um destes modelos de que despudoradamente aqui abuso, coabitam em cada artista, em maior ou menor grau ou preponderância, variando também ao longo do tempo que nos é facultado exercer a atividade criativa.

Por fim podemos bem suspeitar que a tal, (re)ferida qualidade intrínseca da mente não é apanágio exclusivo do artista, mas pelo contrário, é comum a todo e qualquer humano, autoconhecimento incluído.

O artista parece assim exercer uma atividade que só a FÉ justifica (no sentido de vida interior, intimidade consigo próprio) uma vez que nada de 'científico' lhe pode valer.

Coming soon at your door...

ENJOY & REJOICE!

Vitor Pomar
Lisboa, 2024/06/21